



---

**HS127-M – LEITURA DIRIGIDA PARA ANTROPOLOGIA SOCIAL I**

**PROFA VANESSA ROSEMARY LEA**

**1º SEMESTRE/2017**

**EMENTA:**

A etnologia brasileira reitera incansavelmente desde 1979 (data da publicação de um artigo de Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro) que o expurgo de modelos importados de alhures permite enfocar o corpo como a chave para desvendar a especificidade da pessoa nas Terras Baixas da América Latina. Tal artigo coincidiu com a descoberta pela antropologia social do rendimento analítico da noção de corpo, portanto, poderia ser argumentado que o corpo é imbuído de simbologia em qualquer lugar no planeta. Em algumas línguas ameríndias inexistem um termo unitário para corpo; em vez disso se enumera seus componentes - pele, ossos e carne, algo que não impede a formulação de ideias que abrangem o que se traduz como “corpo”. Subjacente a esta discussão é a questão da subjetividade, algo ancorada em um corpo. O mundo ocidental opõe o corpo não somente à mente, mas também à alma. Há uma proliferação de termos nas línguas indígenas que podem ser glosados como “alma”, mas isso gerou reflexões sobre como traduzir tais termos sem projetar um entendimento etnocêntrico. O elenco de termos alternativos inclui – o espírito, o princípio vital, o duplo, a imagem. O curso visa estender esta discussão ao povo Mapuche, no Chile, onde a Igreja Católica tem sido interpretada como projetando sua noção de Deus e Satanás em uma cosmologia avessa a tais concepções. Isto nos leva a indagar sobre as consequências da introjeção da dicotomia cristã do corpo versus a alma no intuito de aprofundar a questão da tradução. Esta discussão problematiza outra dicotomia, aquela que opõe as Terras Altas às Terras Baixas, sendo que os Mapuche habitam ambos habitats além das zonas intermediárias.